

MAGISTÉRIO ECLESIAÍSTICO E TEOLOGIA: SUBMISSÃO OU LIBERDADE RESPONSÁVEL, DEPENDÊNCIA UNILATERAL OU MÚTUA COOPERAÇÃO?

ECCLESIASTIC MAGISTERY AND THEOLOGY: SUBMISSION OR RESPONSABILITY FREEDOM, UNILATERAL DEPENDENCE OR MUTUAL COOPERATION?

Thadeu Lopes Marques de Oliveira¹

Resumo: Esse artigo objetiva argumentar em favor de que existe dependência do magistério eclesial para com a teologia. Para tanto, a primeira seção apresenta uma breve história acerca das relações entre o magistério eclesiástico e a teologia. Nessa suscinta empreitada são abordadas a Antiguidade (período patrístico), Idade Média (Escolástica), e por último a modernidade e contemporaneidade. A segunda seção apresenta os serviços que a teologia de caráter mais eclesial pode oferecer ao magistério. A terceira seção apresenta como a teologia universitária e acadêmica podem exercer papel fundamental para o magistério em sua missão. Nesse interim, questões como: a liberdade e a criatividade da teologia, a teologia como ciência da fé, serva da verdade e a autoridade do magistério eclesiástico são refletidas em paralelo à questão principal, pois ajudam na elucidação desse problema.

Palavras-chave: Cooperação. Criatividade. Magistério eclesiástico. Teologia.

Abstract: This article aims to argue in favor of the ecclesial magisterium's dependence on theology. To this end, the first section presents a brief history about the relationship between ecclesiastical teaching and theology. In this brief undertaking, Antiquity (patristic period), Middle Ages (Scholastic), and finally, modernity and contemporaneity are approached. The second section presents the services that the theology of a more ecclesial character can offer to the magisterium. The third section presents how university and academic theology can play a fundamental role for teachers in their mission. In the meantime, questions such as: theology's freedom and creativity, theology as a science of faith and servant of the truth and the authority of the ecclesiastical magisterium are reflected in parallel to the main question, as they help to clarify this problem

Keywords: Cooperation. Creativity. Ecclesiastical teaching. Theology.

Introdução

Segundo Avery Dulles, “o órgão que expressa com autoridade o pensamento da Igreja é nomeado de magistério eclesiástico. Os portadores ordinários desse magistério são os papas e os bispos”². Nessa breve citação, é possível encontrar uma definição

¹ Doutorando (bolsa VRAC) e Mestre (bolsa CNPq) em Teologia Sistemático-Pastoral pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ). Bacharel em Teologia pela Faculdade Batista do Rio de Janeiro (FABAT). Membro do Grupo de Pesquisa: A teologia de Joseph Ratzinger e o Magistério de Bento XVI.

² DULLES, A. El oficio de la teología, p. 126.

consensual dos portadores e das funções do magistério eclesial; posição também sustentada por Walter Kasper³. *Dei Verbum* define o magistério eclesial como o ofício encarregado de interpretar autenticamente a Palavra de Deus oral ou escrita. Essa função é exercida em nome de Jesus Cristo⁴; *Lumen Gentium* 24 e 25 corrobora tais afirmações⁵.

Joseph Ratzinger afirma, em sua obra *Escatologia. Morte e Vida Eterna*, que os teólogos são como “administradores profissionais da tradição no âmbito cristão”⁶. Essa assertiva tem a potencialidade de esclarecer e conscientizar o teólogo cristão acerca do seu ambiente primordial de trabalho e missão. Segundo Ratzinger, teologia é interpretação⁷, e sua principal fonte de reflexão é a Palavra de Deus, presente na Sagrada Escritura e na Tradição⁸. Por essa perspectiva é possível sustentar que a teologia está intrinsecamente ligada à Igreja, assumindo o papel de serva da fé e da Palavra de Deus, tendo na Igreja um espaço e uma pátria⁹. Ratzinger e Dulles concordam que a teologia é interpretação, reflexão, sistematização e exposição da fé e, não lhe compete, entusiasmada por certa criatividade, buscar a novidade a qualquer custo¹⁰.

Muitas vezes, pela unilateralidade do pensamento de alguns, a ideologia de outros e a má compreensão da “liberdade/criatividade” teológica, é notório em “afirmações contidas em certas bibliografias, a impressão de que ambos os grupos estão embarcados em uma controvérsia perpétua e que o avanço de um se realiza com o encolhimento do outro”¹¹. Teologia e magistério sempre estiveram em tensão por diversos motivos, mas essa questão surge como um desafio mais agudo quando a teologia passa a frequentar o ambiente universitário secular moderno. Não apenas isso, mas quando a compreensão do que é cientificidade e liberdade em teologia são modificadas com o advento do pensamento moderno, muitos teólogos advogam total separação da Igreja. Esse fato resultou naturalmente em desconfiança de órgãos eclesiais, para com a teologia produzida em ambientes universitários¹².

O magistério pastoral na Igreja e o magistério científico dos teólogos devem ser vistos dentro do diálogo entre todos os carismas e ministérios

³ KASPER, W. Teología y Magisterio, p. 197.

⁴ *Dei Verbum* 10.

⁵ *Lumen Gentium* 24-25.

⁶ RATZINGER, J. *Escatologia*, p. 88.

⁷ RATZINGER, J. *Natureza e missão da teologia*, p. 80.

⁸ *Dei Verbum* 9.

⁹ RATZINGER, J. *Natureza e missão da teologia*, p. 39-43.

¹⁰ A instrução sobre a vocação eclesial do teólogo, *Donum Veritatis*, busca em grande parte, corrigir, por parte do magistério eclesial, tais desacordos. Nela o caráter eclesial da teologia é ressaltado.

¹¹ DULLES, A. *El oficio de la teología*, p. 127.

¹² RATZINGER, J. *Natureza e missão da teologia*, p. 87-90.

da Igreja. Os magistérios têm, na verdade, um ministério próprio e autônomo na Igreja, porém ambos se encontram também relacionados um ao outro e entre eles existe interdependência¹³.

Dentro e fora da Igreja, em sua missão, os teólogos e o magistério eclesiástico, para a realização de suas tarefas, dependem um do outro de muitas maneiras¹⁴. É notório, e até mesmo óbvio, que a teologia depende, em grande parte no seu labor, das contribuições positivas do magistério eclesiástico¹⁵. Os grandes Concílios da história do Cristianismo foram impactantes para a teologia, impulsionando novas perspectivas de reflexão e trabalho. A teologia católica do século XX dependeu fortemente das encíclicas papais, bem como dos ensinamentos do Concílio Vaticano II. Sem a direção do magistério eclesiástico a teologia padece de um guia adequado¹⁶. Levando em consideração tais afirmações é possível sustentar que a teologia é capaz de contribuir substancialmente com o magistério em sua função. Até mesmo a teologia feita em ambiente universitário, preocupada com outras questões mais amplas do que as teologias feitas em seminários e ambientes estritamente eclesiais, é capaz de estar a serviço da palavra de Deus, Igreja, fé e o magistério eclesiástico em sua missão.

Por isso, o ministério do teólogo não deve ser entendido unilateralmente, como as vezes pretende apresentá-lo a teologia curial, como emanção, instrumento e órgão auxiliar do magistério episcopal e pontifício. Tanto o serviço do teólogo à compreensão da fé por parte da Igreja como tarefa de investigação científica, estreitamente associada a ele, podem ser levadas a diante apenas sob a liberdade¹⁷.

Lonergan acredita que o trabalho teológico pode oferecer suas próprias contribuições, por conta de sua autonomia e liberdade, caso contrário, pensar em contribuição seria impossível. Claude Geffré segue Lonergan ao afirmar que para que haja verdadeira contribuição é necessária a liberdade¹⁸. Mas autonomia requer responsabilidade, pois sua contribuição pode influenciar tanto a fé dos simples como o magistério. “Parece-me, porém, que a autoridade dos superiores eclesiásticos nada tem a perder com o que foi proposto, mas muito a ganhar [...]. Nada se perde quando é

¹³ KASPER, W. La función de la teología en la Iglesia, p. 27.

¹⁴ KASPER, W. La tensión entre teología y el magisterio eclesiástico, p. 203.

¹⁵ BOFF, C. Teoría do método teológico, p. 469.

¹⁶ DULLES, A. El oficio de la teología, p. 127.

¹⁷ KASPER, W. La función de la teología en la Iglesia, p. 27.

¹⁸ GEFFRÉ, C. Como fazer teologia hoje, p. 90-95; 100-101.

reconhecido o fato histórico, tão óbvio, de que a teologia tem algo a oferecer”¹⁹. É necessário esclarecimentos em relação ao que seja a liberdade do trabalho teológico.

Ora, é bem verdade, claro, que a teologia não é nem fonte de revelação divina, nem acréscimo às Escrituras inspiradas, nem uma autoridade que promulga doutrinas eclesiásticas. Também é verdade que o teólogo cristão deve ser um humano autêntico e um cristão autêntico, inigualável em sua aceitação da revelação, das Escrituras e da doutrina da Igreja. Essas premissas, contudo, não conduzem à conclusão de que o teólogo é apenas um papagaio que nada tem a fazer senão repetir o que já foi dito²⁰.

Nesse artigo, o objetivo principal é refletir a importância da teologia para o magistério eclesiástico. Por meio dessa questão é possível compreender melhor a missão da teologia, sua natureza, ambiente primordial, suas relações com o mundo externo (ciências, cultura e filosofia) e com a sociedade. Além disso compreender melhor o que é o magistério eclesiástico e sua importância. Ambos, possuem métodos, tarefas e um carisma diferente, porém estão unidos por uma causa em comum, o amor, serviço e defesa da verdade da fé cristã²¹.

1. Breve história das interações entre Teologia e Magistério Eclesiástico

A tentativa de compor uma história das formas em que o magistério eclesiástico e os teólogos se relacionaram é o principal objetivo dessa seção. Buscar-se-á definir a relação entre ambos, não o relacionamento que tiveram em questões teológicas particulares²². Uma dificuldade, de natureza histórica e semântica, está presente na reflexão acerca dessa questão. Yves Congar constata que, na Antiguidade, Idade Média e início da Idade Moderna, ainda não existia de forma clara a noção de magistério, que se desenvolveu a partir do século XIX. Por isso, é necessário esclarecer, que nas análises feitas à questão, desde a Idade Antiga até a contemporaneidade, a compreensão do que seria o magistério na história da Igreja, fundamenta-se na noção de magistério contemporânea. De maneira geral, magistério seria uma função exercida situacionalmente²³. Por isso, seria válido sustentar um magistério doutoral ou teológico e

¹⁹ LONERGAN, B. Método em teologia, p. 368-369.

²⁰ LONERGAN, B. Método em teologia, p. 367-368.

²¹ KASPER, W. Teología y Magisterio, p. 200-203.

²² CONGAR, Y. Igreja e papado, p. 331.

²³ CONGAR, Y. Igreja e papado, p. 337. A noção de magistérios, como o teológico, eclesiástico, pastoral, papal, de Cristo e dos fiéis é uma posição sustentada por muitos. BOFF, C. Teoria do método teológico, p. 425-455. Também por: GEFFRÉ, C. Como fazer teologia hoje. Hermenêutica teológica, p. 89.

um magistério episcopal, dentre muitos outros, como: magistério de Cristo e do Espírito Santo²⁴. Os mesmos desafios estão presentes no que tange ao conceito de teologia – porém são mais fáceis de resolver. A Igreja passou a ter consciência do que é teologia, de forma semelhante ao magistério, progressivamente – porém o fechamento da questão foi mais rápido. Mas desde a mais remota época do Cristianismo, determinados personagens tinham autoconsciência de que sua tarefa e missão é o que hoje compreendemos como teologia. Seu papel como teólogos é também justificado pela Tradição e pela história, que posteriormente lhes deu tal designação²⁵.

1.1. Antiguidade

A figura do doutor ou mestre (*didaskalos*) já existiam na Igreja primitiva, (o livro de Atos registrou tal fato) semelhante a função dos rabinos das sinagogas helênicas. Sua função era primordialmente catequética e mistagógica. Inicialmente os doutores e mestres são as figuras mais próximas ao teólogo²⁶. Não existe ligação histórica comprovada entre o papel desses doutores e o surgimento das escolas de formação cristã. Essas eram como que iniciativas autônomas dos seus mestres. A especulação realizada nesses ambientes fez com que os pastores das comunidades buscassem assumir o seu controle. Esse fato já demonstra uma certa tensão entre o ensino especulativo da fé cristã e a doutrina oficial da Tradição apostólica, ensinada e mantida pelos bispos, os seus sucessores, figuras consideradas por Orígenes como as maiores autoridades na questão do ensino e matéria de fé. Seriam para ele como doutores de ordem superior, não pela sua capacidade intelectual ou especulativa, mas pelo seu carisma e ordem²⁷.

Determinadas interpretações da fé, representadas pelos hereges, ou até mesmo o ensino de alguns doutores, fizeram com que os fiéis as sentissem como perversões da verdadeira Tradição de fé²⁸. Nesse contexto, Y. Congar relaciona o senso dos fiéis ao reconhecimento da necessidade de uma ortodoxia, salvaguardada pela figura dos ministros ordenados, sucessores dos apóstolos. Essa sucessão é a garantia da transmissão fiel. Esse dado de fé da Igreja primitiva foi formulado por Santo Irineu. Convém observar que Clemente de Alexandria entendia os Bispos e Presbíteros como mestres. O Bispo, em

²⁴ CONGAR, Y. Igreja e papado, p. 313.

²⁵ CONGAR, Y. Una riflessione storica e speculativa sul concetto di teologia cristiana, p. 54-64.

²⁶ CONGAR, Y. Una riflessione storica e speculativa sul concetto di teologia cristiana, p. 55-59.

²⁷ CONGAR, Y. Igreja e papado, p. 331-332.

²⁸ CONGAR, Y. Igreja e papado, p. 332.

especial, é caracterizado pela cátedra. Tal termo, é equívale semanticamente à palavra “magistério” (função de ensino exercida por uma autoridade)²⁹.

É importante observar a relação feita entre magistério episcopal e Tradição. A sucessão é a forma da Tradição e a Tradição é o conteúdo, Congar quer explicitar que o conteúdo transmitido pela Tradição é a verdadeira autoridade. E que o próprio magistério enquanto sucessão faz parte da Tradição. Servo da Verdade e da Tradição de fé, o magistério é uma função responsável por transmitir à Igreja o ensino dos Apóstolos. A *regula fidei* não é uma regra para a fé, mas é a regra que é a própria fé. A autoridade do magistério está em guardar, expor e ensinar, quando necessário, essa regra de fé³⁰.

Apesar da tensão entre os ministros ordenados e doutores e mestres, não é possível sustentar uma oposição. Nesse período a produção teológica esteve fortemente ligada às necessidades pastorais³¹. Os bispos no seu confronto com as interpretações heréticas da fé, buscaram ensinar e pregar. Nesse período, os concílios ecumênicos e suas decisões dogmáticas representam o fechamento de determinada questão de natureza teológica, com ligações intrínsecas à fé³². Convém observar e ressaltar que nessa dinâmica de confronto estavam inseridos de forma vital bispos e teólogos. Muitos grandes teólogos eram bispos, e os bispos mais notáveis foram grandes teólogos; exemplo ilustre nesse período: Santo Agostinho³³. Teólogos combateram heresias em favor da fé. A teologia cooperou na elucidação dogmática, exemplo: o serviço prestado por Tertuliano ao Bispo Teodoro de Mopsuéstia e os Capadóciolos. A autoridade era compreendida como a verdade da revelação, encontrada também na tradição de fé. Em seu labor, o teólogo pode representá-la, tanto quanto um bispo (levando em consideração a natureza específica de cada papel representativo). Por isso foram importantes os desfechos dogmáticos dos grandes concílios da Antiguidade cristã, pois neles teólogos e bispos trabalharam conjuntamente³⁴.

Essa tensão, no contexto dos primeiros séculos do cristianismo, contribuiu para a delimitação gradativa do papel dos ministros ordenados e o seu magistério específico. Não apenas isso, mas também os limites da função do magistério e das funções dos doutores. Revela que a Igreja da Antiguidade já era consciente da importância dos

²⁹ CONGAR, Y. Igreja e papado, p. 332-333.

³⁰ CONGAR, Y. Igreja e papado, p.333-334.

³¹ DULLES, A. El oficio de la teología, p. 172.

³² LONERGAN, B. Método em teologia, p. 342-344.

³³ CONGAR, Y. Una riflessione storica e speculativa sul concetto di teologia cristiana, p. 83-89.

³⁴ CONGAR, Y. Igreja e papado, p. 335-336.

teólogos, bem como do papel dos bispos, garantes do acesso à tradição de fé apostólica. Pensar na oposição entre esses papéis é não compreender a dinâmica do que é a Igreja, dotada de carismas diversos.

1.2. Idade Média

Antes da exposição desse período, é importante esclarecer que nele o surgimento da Escolástica é fundamental para a compreensão da história da relação à qual se busca compreender³⁵. A Escolástica é responsável por uma forma de se pensar o conteúdo da fé cristã de forma analítica e questionadora, lançando mão de recursos filosóficos, não apenas na forma, mas também no conteúdo³⁶. A distinção entre o ensinamento doutoral e pastoral foi reformulada. Para Tomás de Aquino a autoridade do bispo é um poder instituído, em contrapartida a autoridade do doutor é uma competência pessoal reconhecida publicamente³⁷.

O ensino e a pregação do Evangelho eram de competência primordial dos bispos, papel recebido como uma espécie de missão. A partir do século XIII já é possível identificar algo como um magistério doutoral. Além do ensino científico, os teólogos paulatinamente assumiram um lugar de autoridade, cabendo-lhes o poder de decisão. A adesão ao seu ensino era por meio de uma espécie de submissão. Era comum papas recorrerem aos veículos universitários para publicar coletâneas de decretos e decisões conciliares. Fato que demonstra o prestígio e a confiabilidade que o ensino científico gozava na sociedade de então. As faculdades julgavam teses doutrinárias. Em determinado momento é constatado que os escolásticos tinham forte influência no julgamento dogmático. Exemplo disso é o Concílio da Basileia, onde o número de teólogos era aproximadamente vinte e cinco vezes maior que o de Padres Conciliares. Godofredo de Fontaine sustentou que os teólogos não precisavam seguir decisões episcopais, além disso, podiam determinar conteúdos de fé apenas cabíveis aos papas³⁸. Essa forma de pensamento demonstra a tensão e o desequilíbrio, também presentes nesse período.

Essa realidade contextual pôde justificar o surgimento da Inquisição. Porém ela, em princípio, esteve mais ligada à repressão das heresias difundidas entre os fiéis. A busca

³⁵ LONERGAN, B. Método em teologia, p. 344-346.

³⁶ DULLES, A. El oficio de la teología, p. 172.

³⁷ CONGAR, Y. Igreja e papado, p. 336-337.

³⁸ CONGAR, Y. Igreja e papado, p. 337-338.

pela fiscalização e controle da produção teológica se deu por meio de comissões, investigações e concílios, como foi no caso de John Wiclif, que sofreu censura papal e a intervenção do Concílio de Constança³⁹. Casos semelhantes fizeram com que teólogos se precavessem ao afirmar e publicar suas opiniões, optando por propor e submeter seus escritos à Roma. Lutero foi condenado por bulas papais, documentos e escritos universitário e, até mesmo por teólogos, o que demonstra, apesar de uma vigilância aos teólogos, a sua perene relevância e atuação a serviço da fé católica. Muitos papas introduziam em seu ensinamento pastoral algum produto teológico. Diversos pontífices a partir de Alexandre III eram como doutores canonistas. As universidades formavam um bom número de bispos, esse fato fez com que termos teológicos entrassem em muitos dogmas⁴⁰. É nesse período que a autoridade papal cresce de forma paulatina, não apenas de fato, mas no poder de suas expressões, seja oral ou escrita. Junto à autoridade e o papel do papa, são definidas as seguintes questões: o conceito de heresia se define de forma atrelada à autoridade que o papa tinha de julgar, a infalibilidade da Igreja romana, a autoridade de julgamento em decisões doutrinárias, convocar concílios etc...⁴¹.

Esse período é marcado por uma intensa colaboração do trabalho teológico em matéria de dogma. Em determinado período o trabalho teológico gozou de certa proeminência, ao passo que em outros sua importância foi gradativamente reduzida, mas nunca perdeu seu posto e relevância.

1.3. Tempos modernos à contemporaneidade

Um evento que marca a cooperação feliz entre teólogos e bispos é o Concílio de Trento. Nele, de diversas formas, teólogos atuaram em conjunto com bispos. Apesar da resistência inicial de alguns, o papel dos teólogos foi paulatinamente reconhecido como indispensável. Teólogos expressavam suas opiniões em assembleias, eram escutados pelos bispos, que coletavam suas opiniões para formular decretos, porém antes de publicá-los submetiam o texto ao crivo dos teólogos. Além disso, alguns bispos eram bons teólogos. Porém, com a reação contra a Reforma Protestante, o Racionalismo moderno e alguns movimentos sociais, o que se entende hoje por magistério, naquele

³⁹ DULLES, A. El oficio de la teología, p. 171.

⁴⁰ DULLES, A. El oficio de la teología, p. 173.

⁴¹ CONGAR, Y. Igreja e papado, p. 338-341.

período é qualificado com o adjetivo: autoridade⁴². Nesse período, os grandes teólogos e universidades da Europa contribuíram para a formulação de respostas e reações às novas questões que surgiram⁴³. Tais fatos possivelmente contribuíram para a noção pejorativa e autoritária das funções do magistério, como muitos o compreendem atualmente.

Nesse período, as faculdades de teologia continuaram a condenar posições teológicas, exemplo: Lovaina a respeito do Baio. Roma interveio em muitas questões teológicas, como por exemplo: Inocêncio X contra o Jansenismo. Nesse período, a teologia está sob vigilância, pois tem o potencial de influenciar diretamente nos fiéis e na formação do clero. Após a Revolução Francesa e a ascensão de movimentos absolutistas a situação é alterada para as universidades, que foram reduzidas numericamente⁴⁴. Após o reestabelecimento de algumas, por iniciativa de Roma, a configuração da cátedra teológica já não será a mesma, pois o papel do magistério papal cresce e assume certa proeminência. No período em questão, o magistério eclesiástico compreende a si mesmo como o único responsável por defender o dado de fé, repropor de acordo com a necessidade e interpretar o dado objetivo. O magistério supervalorizou o seu papel de definição. A teologia era responsável pelas definições anteriores, cabendo ao magistério a aprovação das tais⁴⁵.

O Concílio Vaticano I foi responsável por propor a infalibilidade papal em matéria de fé ou de costumes, quando agindo em seu ministério de pastor e doutor da Igreja. Nesse concílio, a noção contemporânea do que é o magistério eclesiástico começa a surgir de forma mais clara. Comumente se confunde que o Vaticano I definiu a infalibilidade do papa enquanto tal. Segundo Congar o que favorece tal definição é necessidade de responder a um contexto questionador da autoridade e militante em prol da liberdade. Isso ocasionou uma interpretação unilateral da recepção do Vaticano I. Esse não definiu a questão do magistério ordinário do papa. Apesar disso essa função já estava sendo exercida de forma ativa, por meio de encíclicas, pronunciamentos, discursos e intervenções diversas. Esse fato fez com que o magistério ordinário do papa fosse paulatinamente valorizado⁴⁶.

Pio XII, na encíclica *Humani generis* defendeu que em relação ao magistério ordinário do papa se requer uma obediência total, quando esse se expressa a respeito de

⁴² CONGAR, Y. Igreja e papado, p. 341.

⁴³ DULLES, A. El oficio de la teología, p. 174.

⁴⁴ DULLES, A. El oficio de la teología, p. 174.

⁴⁵ CONGAR, Y. Igreja e papado, p. 342.

⁴⁶ CONGAR, Y. Igreja e papado, p.343-344.

algo controverso. Para Pio XII o teólogo era responsável por justificar os enunciados desse magistério (algo já presente em Pio IX, em sua bula *Gravissimas inter*). Pio XII enxergava o serviço do teólogo como que por delegação do magistério papal, em seu favor e sob seu controle. Congar acredita que essa visão não está em conformidade com a história pregressa da relação. Nesse período, em meados do século XIX, era comum, nas encíclicas papais, os pontífices produzirem uma teologia já determinada de antemão. O valor das encíclicas não é de fácil determinação, mas elas, em sua grande maioria, já expressam uma opinião comum do episcopado. A tensão nesse período também está presente, é comum encontrar textos de teólogos sobre o direito de não concordar com um ensinamento não infalível⁴⁷.

O Concílio Vaticano II renovou o relacionamento entre os teólogos e o magistério, pois reconheceu a necessidade fundamental do papel que os teólogos exercem na Igreja. O concílio conservou, em partes, a relação de subordinação do trabalho teológico para com o magistério. Reiteradas vezes, Paulo VI abordou o problema da relação entre teologia e magistério, defendendo a ideia de que os teólogos precisam sujeitar-se docilmente às autoridades. Para ele a teologia é primordialmente eclesiástica, ocupando um espaço na sua estrutura como mediadora entre a relação magistério-fieis-mundo. Cabe à teologia refletir sobre o modo de fé vivido pela comunidade cristã e seus problemas, utilizando os recursos fornecidos pela cultura e ciências para uma melhor explicitação da fé da Igreja e resposta aos problemas demandados⁴⁸. Os teólogos também devem justificar de forma racional e científica as posições do magistério⁴⁹.

O clima de contestação e ruptura da unidade católica posterior ao Vaticano II, ocasionado em partes pela nova conjuntura social e meios de comunicação, foi agravado, pois os fiéis passaram a formar suas opiniões sobre os mais variados temas lançando mão não apenas do ensino oficial da Igreja. Isso também afetou o trabalho dos teólogos, que passaram a atuar de forma independente dos cânones eclesiásticos e do magistério, que impunham certas regras e limites aos seus trabalhos. Muitos teólogos entenderam que o seu trabalho se assemelhava ao das diversas ciências presentes nas universidades seculares.

O papa João Paulo II nutre especial estima pela teologia e fomenta o seu desenvolvimento e investimento, não apenas em nível eclesiástico (formação sacerdotal),

⁴⁷ CONGAR, Y. Igreja e papado, p. 345-346.

⁴⁸ DULLES, A. El oficio de la teología, p. 177.

⁴⁹ CONGAR, Y. Igreja e papado, p. 346-347.

mas também na universidade⁵⁰. Sua encíclica *Fides et Ratio* ajuda a iluminar essa realidade do seu pontificado⁵¹. Posterior a ele, um grande teólogo é eleito papa, Bento XVI, que também é um grande entusiasta e incentivador do trabalho teológico⁵². Em sua encíclica *Laudato Si'*, papa Francisco reconhece a contribuição do trabalho dos teólogos para a sua produção⁵³.

A relação entre doutores e magistério merece reconsideração. Isso pressupõe que se defina, em primeiro lugar, o estatuto do “magistério” na Igreja, que não se isole esse estatuto da realidade viva da Igreja. Será preciso reconhecer a originalidade do carisma e do serviço dos teólogos, a necessária especificidade de seu trabalho no interior da fé da Igreja, esclarecer as condições de um exercício sadio de seu serviço, sentimento de responsabilidade, comunhão com a vida concreta dos fiéis, contexto doxológico e celebração dos mistérios, crítica mútua ativamente exercida. Não se pode definir a condição dependente dos teólogos somente com referência ao “magistério”, ainda que conserve sua verdade. Nesse campo, como também no da obediência, não se deve pensar a questão unicamente por intermédio de dois termos – autoridade, teólogos; é preciso pensa-la por meio de três: acima de todos, a verdade, a fé apostólica transmitida, confessada, pregada, celebrada; abaixo dela e a seu serviço, o “magistério” do ministério apostólico e o trabalho ou ensinamento dos teólogos, bem como, do mesmo modo, a fé dos fiéis. É um serviço diferenciado, organicamente articulado, como toda a vida da Igreja⁵⁴.

Do breve percurso histórico é possível observar modos de relação entre o magistério e a teologia. A teologia, desde a antiguidade foi reconhecida pelo magistério e pela Igreja como ferramenta necessária à fé. Em momentos existiu a tensão e disputa. Houve também a tentativa de transformar a teologia em uma instância completamente sujeita ao magistério, cabendo ao teólogo apenas a tarefa de servir e justificar o seu trabalho⁵⁵. Essa postura resulta na perda da autonomia, criatividade e liberdade do trabalho teológico, descaracterizando-o. Houve momentos que a defesa da verdade de fé foi possível graças as especulações teológicas. Nessas situações o magistério recorreu humildemente às contribuições originais e criativas da teologia. Nas seções seguintes serão explicitadas as possíveis contribuições da teologia ao magistério.

⁵⁰ DULLES, A. La teologia acedémica al servicio de la iglesia, p. 171.

⁵¹ *Fides et Ratio* 92-99.

⁵² *Verbum Domini* 29-33.

⁵³ *Laudato Si'* 62-64.

⁵⁴ CONGAR, Y. Igreja e papado, p. 348-349.

⁵⁵ Essa teologia é a que Congar chama de “teologia denzinger”. CONGAR, Y. Situação e tarefas atuais da teologia, p. 131-158.

2. A importância da teologia eclesial para o Magistério

Não menos evidente é, portanto, a dependência do magistério eclesiástico para com a teologia. Todo grande concílio recorreu amplamente aos teólogos. Não apenas os concílios são fonte para a reflexão teológica, mas o trabalho dos teólogos mostrou-se fundamental para as suas formulações dogmáticas. Consequência disso: o labor teológico, a serviço do magistério eclesiástico e da palavra de Deus, colabora na melhor compreensão da fé cristã.

Que aspecto teriam os documentos do Concílio de Trento se não fosse o trabalho de teólogos papais como Lainez e Salmerón? E o que haveria sido capaz de dizer o Vaticano I sem os textos preparatórios escritos por Franzelin, Kleutgen e outros? Como cumpriria o Vaticano II a sua tarefa na ausência de teólogos como Congar, Philips, Rahner, Murray e seus colegas?⁵⁶

Para a composição das encíclicas papais também é de fundamental importância o trabalho dos teólogos. Esses são responsáveis por esquemas e redações prévias, bem como posteriores análises e contribuições para a redação final. Isso mostra como o trabalho dos teólogos é importante⁵⁷. Sabe-se bem que esses documentos papais são de grande importância para a fé da Igreja. Sua forma de distribuição e facilidade de acesso permitem aos fiéis, presentes nos mais variados lugares do globo, ter acesso a explicitações fundamentais em pontos diversos da fé. Bernard Lonergan afirma:

Ora, da Idade Média até o Concílio Vaticano II, as doutrinas da Igreja Católica têm obtido da teologia uma precisão, uma concisão e uma organização que no passado não possuíam. Em geral, o significado dessas doutrinas não é sistemático, mas pós-sistemático. Não é possível reduzir o que determinado documento da Igreja quer dizer a partir de um conhecimento teológico individual. Ao mesmo tempo, toda e qualquer interpretação exata partirá de um conhecimento da teologia, e, também, do *stylus curiae*. [...]. Descobrir o que cada documento da Igreja quer dizer requer pesquisa e exegese em todos os casos⁵⁸.

As congregações romanas e as comissões doutrinais dos bispos, de igual forma, recebem a contribuição de inúmeros teólogos. Nas investigações já em curso, feitas pelos teólogos, e suas contribuições preliminares a respeito das mais diversas questões, eles

⁵⁶ DULLES, A. El oficio de la teología, p. 127.

⁵⁷ DULLES, A. El oficio de la teología, p. 128.

⁵⁸ LONERGAN, B. Método em teologia, p. 347.

contribuem para a maturação dos juízos da Igreja. Além disso, os teólogos com sua linguagem auxiliam os órgãos do magistério eclesiástico a expressarem a doutrina e a fé católica de forma objetiva, clara e precisa. Após suas contribuições, os teólogos são responsáveis por receber e interpretar as palavras do magistério⁵⁹. Claude Geffré alerta para o risco de o trabalho teológico tornar-se apenas uma repetição ou fundamentação do que afirma o magistério⁶⁰.

Esse processo é perene e faz continuar o fluxo da reflexão e o avanço de diversas questões em matéria doutrinal, levando a Igreja à compreensão cada vez mais plena e madura da fé. Lonergan afirma que até certo ponto as influências da teologia sobre o magistério são legítimas⁶¹.

Outra razão para prosseguir o diálogo entre teologia e magistério é o fato de que a verdade permanente do Evangelho só chega aos homens em forma historicamente condicionadas. [...] Os pronunciamentos formulados em uma situação histórica e cultural particular podem exigir, com o passar do tempo, uma reinterpretação ou modificação. O ensino central é sempre o mesmo, porém as formas nas quais se conceitualiza e expressa são dinâmicas⁶².

Um esclarecimento deve ser feito. Para que a teologia contribuía com o magistério em sua tarefa docente, ordinária e extraordinária, é necessário que o teólogo compreenda a si mesmo como um servo da Palavra de Deus, da fé e da Igreja. A submissão à essa condição não implica em limitação, sim em responsabilidade. O teólogo cristão deve ser um homem de fé. A teologia é ciência da fé em um duplo sentido, reflete sobre a fé tendo como ponto de partida a fé. A liberdade do teólogo se refere também ao seu método. O teólogo é um ser humano como todos os outros, assim como a humanidade goza de liberdade, com o teólogo não poderia ser diferente. Entre responsabilidade e liberdade, sobressai a primeira.

3. A importância da teologia universitária para o Magistério

É comum, atualmente, especificar as diferenças entre as formas de teologia. As teologias de seminário, encarregadas de formar sacerdotes, preocupa-se mais com a pregação, aconselhamento, questões litúrgicas e sacramentais. Esse ambiente de

⁵⁹ DULLES, A. El oficio de la teología, p. 128.

⁶⁰ GEFFRÉ, C. Como fazer teologia hoje, p. 90-91.

⁶¹ LONERGAN, B. Método em teologia, p. 347.

⁶² DULLES, A. El oficio de la teología, p. 128.

formação, a necessidade de expor os alunos aos desafios intelectuais é dosada⁶³, seu foco central é a doutrina já estabelecida⁶⁴. A prova argumentativa dessa teologia são os textos da Sagrada Escritura, o código de direito canônico, concílios, dogmas e pronunciamentos papais⁶⁵. De igual forma, a teologia acadêmica tem tais fontes como pontos de partida para a reflexão, porém está mais disposta a ampliar as fontes, métodos e os objetos de análise. Além disso, busca o desenvolvimento e atualização dessas disciplinas para uma formação contextualizada dos ministros. Não é correto opor ou separar ambas as formas de teologia, elas possuem relações importantes entre si.

O que diferencia a teologia acadêmica dessa última é o seu objetivo principal; a investigação. Para tanto mantêm ligações muito próximas com outras disciplinas científicas como: história, crítica literária, sociologia, psicologia, filosofia, antropologia e etc... Sua audiência é um público maior, pode estar relacionada até mesmo com diferentes tradições cristãs e religiões e ateus. Se concentra em questões abertas e busca em sua argumentação não apelar a autoridade. Dulles crê, que por essa razão, a teologia pode ser uma importante ferramenta para novos desenvolvimentos⁶⁶. Acerca da teologia de corte universitário-acadêmico, a afirmação de Lonergan pode ser útil:

As doutrinas eclesiásticas e as teologias pertencem a contextos diferentes. As doutrinas eclesiásticas são o conteúdo do testemunho de Cristo dado pela Igreja; elas expressam o conjunto de significados e valores que dão forma à vida cristã individual e coletiva. As doutrinas teológicas fazem parte de uma disciplina acadêmica cujo interesse é conhecer e compreender a tradição cristã e fomentar seu desenvolvimento. [...]. Os teólogos levantam muitas questões que são mencionadas nas doutrinas eclesiásticas⁶⁷.

A teologia especulativa dos Padres e dos Escolásticos manteve ligações com o pensamento humano em sua busca por apresentar a mensagem cristã ao mundo e defender a tradição de fé. O pensamento filosófico é uma ponte entre a teologia/Igreja e cultura/mundo. A teologia apropriou e reinterpretou sistemas filosóficos, como também, por meio da palavra da fé foi capaz de influenciar o desenvolvimento do pensamento humano, situação notável em correntes filosóficas e culturais específicas⁶⁸. Isso mostra que essa relação foi salutar à teologia e à Igreja/magistério em seu papel missionário.

⁶³ *Optatam Totius* 13-15 apresenta a necessidade do aprofundamento nas ciências humanas e filosofia.

⁶⁴ *Optatam Totius* 16.

⁶⁵ DULLES, A. El oficio de la teología, p. 176.

⁶⁶ DULLES, A. El oficio de la teología, p. 177.

⁶⁷ LONERGAN, N. Método em teologia, p. 346-347.

⁶⁸ PANNENBERG, W. Filosofia e teologia, p. 18-254. A primeira parte da obra apresenta tal realidade.

Abrir mão dessa relação, mediada pela teologia, é prejudicial à Igreja como um todo, pois essa relação de quase dois milênios é o que possibilita a fé manter o diálogo com a cultura, elemento fundamental para a missão cristã.

O ingresso da teologia nas universidades foi providencial e pode ser de muita utilidade para o magistério eclesiástico. A partir do Concílio de Trento a teologia se distanciou do mundo moderno, assumindo mais uma postura de confronto com suas questões do que como uma parceira de diálogo. O tratamento que os Padres e os Escolásticos deram às formas de pensamento do seu tempo não foi igual na teologia no período moderno até tempos recentes⁶⁹. As questões propostas pelas ciências e filosofia, foram muitas vezes condenadas e não absorvidas dentro de suas possibilidades. Porém, com as novas propostas do Vaticano II, sendo postas em prática, a teologia católica voltou a ser incentivada em suas universidades. Não apenas isso, mas a própria Igreja Católica fomentou a criação de muitas universidades, fundando institutos dos mais variados campos do saber. O contexto atual fomenta a investigação nas ciências sagradas, de modo que a Igreja pode fazer sentir sua presença no avanço para uma cultura mais elevada e na formação de cristãos capazes de dar testemunhos mais sólidos de sua fé e assumir a sua responsabilidade frente a sociedade.

A teologia acadêmica está sempre corre um grande risco. Por estar mais ligada à questões investigativas de caráter científico, ao contrário da teologia mais pastoral, ela lança mão de métodos usados nas disciplinas seculares. Tal risco é a assimilação de certo ceticismo, positivismo, historicismo, relativismo e similares. Os teólogos cristãos que atuam na academia não podem esquecer que a teologia é uma ciência dependente da fé e da autoridade eclesiástica. Esquecer o Evangelho, a liturgia e a tradição da fé põe em dúvida se tal produto é teologia⁷⁰.

Se a teologia universitária pode aproximar a sociedade à Igreja, essa tem a oportunidade de estar consciente dos seus questionamentos e necessidades. Mas para isso é necessário que a teologia assuma uma postura dialogal, uma postura de aprendizagem mútua, não apenas confronto ou apologia. Isso cria o contexto para respostas mais eficazes da Igreja ao mundo. A teologia universitária por estar mais próxima da linguagem e das questões seculares – humildemente submissa à fé da Igreja –, pode fornecer ao magistério material importante para exposição da fé apostólica ao mundo.

⁶⁹ CONGAR, Y. Una riflessione storica e speculativa sul concetto di teologia cristiana, p. 81-90; 102-108.

⁷⁰ DULLES, A. El oficio de la teología, p. 178-179.

Não apenas respostas por meio de documentos ou pronunciamentos (palavras), mas respostas em formas de ações práticas.

Porém, também o magistério eclesiástico depende da teologia. Se quer apresentar a fé com ardor missionário e de maneira atrativa, não de modo autoritário apenas, deve apelar à razão. Isso significa que a informação sobre o estado do debate teológico em cada momento se conta entre os apta media, os meios necessários, sem os quais o magistério eclesiástico não pode ser exercido de modo responsável⁷¹.

Entretanto, se a teologia – enganada por uma falsa “liberdade” – esquece da sua raiz eclesial e a sua dependência para com Palavra de Deus e o magistério eclesiástico, terá muito pouco ou quase nada para oferecer, não apenas à comunidade de fé, mas material que ajude o magistério em sua tarefa de guardião da Tradição Apostólica e intérprete oficial da Palavra de Deus.

Considerações finais

Finalizando, é possível afirmar que o magistério eclesiástico necessita também da teologia para o cumprimento do seu ministério, em diversos âmbitos, principalmente em sua missão de expor a fé de forma clara e objetiva às mais variadas situações e contextos. A teologia pode ajudar o magistério em seu diálogo com a cultura. O magistério precisa das reflexões que a teologia empreende acerca dos seus pronunciamentos, para ulteriores desenvolvimentos. A teologia antecipa reflexões e amadurece posicionamentos. A história mostra como a teologia ajudou o magistério na resolução de questões fundamentais à fé, em sua defesa contra as heresias, na formação dos sacerdotes, na introdução do pensamento cristão no mundo, no desenvolvimento das verdades doutrinárias de fé. Assim, fica explícito que a teologia não é apenas fundamental para o magistério, mas sim à verdade de fé. Teologia e Magistério, como já foi afirmado, são parceiros inseparáveis em uma tarefa comum: servos da verdade e da fé. Reconhecidos tais fatos, o que é possível afirmar? A Igreja como um todo, em sua organização deve fomentar a pesquisa teológica e fornecer liberdade e todo necessário para que teólogo, na execução do seu carisma, seja criativo mantendo-se em comunhão com a Igreja. Não que a Igreja já não o faça, muito pelo contrário, mas o que se espera é que se mantenha tal conduta das autoridades eclesiásticas e seja desenvolvida cada vez mais.

⁷¹ KASPER, W. La función de la teología en la Iglesia, p. 28.

Há algo que pode ser dito sobre a postura da teologia em relação ao magistério (hipótese para ulterior investigação). Em sua história, a teologia contribuiu para o desenvolvimento dos dogmas e das afirmações doutrinárias do magistério. Sua tradição de reflexão está ligada a palavra normativa que vem do magistério, contribuindo e tendo nele uma fonte positiva para seu labor. Se o magistério preserva a tradição e o depósito de fé, que os teólogos contribuíram de forma direta em sua evolução, quando a teologia se submete ao magistério ela está reconhecendo sua autoridade, honrando e inserindo-se em sua própria tradição teológica, pois ela contribuiu para tais formulações. Portanto, o magistério não precisa ter medo da teologia e, nesse caso, a recíproca pode ser verdadeira.

Referências

- BENTO XVI. *Verbum Domini. Exortação apostólica pós-sinodal sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2010.
- BOFF, C. *Teoria do método teológico*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- CONGAR, Y. *Igreja e papado: Perspectivas históricas*. São Paulo: Loyola, 1997.
- _____. *Situação e tarefas atuais da teologia*. São Paulo: Paulinas, 1969.
- _____. *Teologia: Una riflessione storica e speculativa sul concetto di teologia cristiana*. Vaticano: LUP, 2011.
- CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Donum Veritatis*. Sobre a vocação eclesial do teólogo. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19900524_theologian-vocation_po.html. Acesso em: 08/05/2020.
- DULLES, A. *El Oficio de la teologia: del símbolo al sistema*. Barcelona: Herder, 2001.
- FRANCISCO. *Laudato Si'*. *Carta encíclica sobre o cuidado da casa comum*. São Paulo: Paulinas, 2015.
- GEFFRÉ, C. Como fazer teologia hoje. *Hermenêutica teológica*. São Paulo: Paulinas, 1989.
- JOÃO PAULO II. *Fides et ratio. Carta encíclica sobre as relações entre fé e razão*. São Paulo: Paulinas, 1998.
- KASPER, W. La función de la teologia en la Iglesia. In: KASPER, W. *La teologia, a debate: claves de la ciencia de la fe. Obras Completas*, v. 6. Maliaño: Sal Terrae, p. 21-29.
- _____. Teología y Magisterio. En torno a la cuestión principal de la Instrucción sobre la vocación eclesial del teólogo. In: KASPER, W. *La teologia, a debate: claves de la ciencia de la fe. Obras Completas*, v. 6. Maliaño: Sal Terrae, p. 197-203.
- _____. La tensión entre teologia y el magisterio eclesiástico. In: KASPER, W. *La teologia, a debate: claves de la ciencia de la fe. Obras Completas*, v. 6. Maliaño: Sal Terrae, p. 204-208.
- LONERGAN, B. *Método em teologia*. São Paulo: É Realizações, 2012.
- PANNENBERG, W. *Filosofia e teologia. Tensões e convergências de uma busca comum*. São Paulo: Paulinas, 2008.
- RATZINGER, J. *Escatologia: morte e vida eterna*. São Paulo: Molokai, 2019.
- _____. *Natureza e Missão da Teologia*. Petrópolis: Vozes, 2012.

VATICANO II, *Dei Verbum. Constituição dogmática sobre a Revelação divina*. In: *Compendio Concílio Ecumênico Vaticano II. Documentos*. Brasília: Edições CNBB, 2018. p. 175- 198.

_____. *Lumen Gentium. Constituição dogmática sobre a Igreja*. In: *Compendio Concílio Ecumênico Vaticano II. Documentos*. Brasília: Edições CNBB, 2018. p. 75-174.

_____. *Optatam Totius. Decreto sobre a formação sacerdotal*. In: *Compendio Concílio Ecumênico Vaticano II. Documentos*. Brasília: Edições CNBB, 2018, p. 453-479.

Recebido em: 04/04/2020

Aprovado em: 07/05/2020